

**Poemas Inéditos****João Edson Rufino****Infanticídio**

Meu pai não montava a cavalo  
Eu nem o conheci  
Como tantos,  
Fez filhos e deixou um em cada favela  
É bom contar esses feitos na roda dos comparsas.  
Acentua o machismo dos homens inseqüentes.  
Mulher? Ela que se vire.  
A minha mãe não costurava no silêncio da casa.  
Não havia silêncio. Havia balas cortando os becos e vielas  
E nosso corpo podendo ser atravessado  
A qualquer momento por uma delas.  
Mama desdobrava-se em dez  
Para dar de comer a dezenas.  
Não tive Preta Velha para pôr o café  
Nem mesmo para pôr-me a ninar.  
Contar-me estórias que só em África existem.  
Aqui, morre-se cedo. É resistente quem chega aos doze.  
São dúzias de nós que morremos todos os dias.  
Não sei se a minha história  
É mais alegre ou triste que a de Crusoé.  
Não sou poeta  
E nem sei se o que trago na memória  
História é.

## Ser Negro

Ser negro é travessia  
O traslado da África  
Plantado em terra vermelha  
Fincado em força e fogo.  
Chega de desesperança, fome, solidão e morte  
Chega de tanta lamentação  
A minha vida eu mesmo invento  
Sou altivo, forte  
Não só noites do norte  
Minhas noites têm mais amplitude.  
Basta de estigma, de gueto, da marca registrada  
Do lamento, do falso sentimento, do negro-televisão  
Não me interessa esta festa,  
Execro premiações estereotipadas.  
Dispensar a fútil animação.  
Já não perco o meu tempo  
Ando meio sem paciência  
Há lugares em que entro  
E inquietam-se com minha presença  
(Quem é? De onde veio? Como conseguiu?)  
Minha genealogia não está na senzala  
Sou pensador, eclético, não-canônico, imprevisível  
Princesas? Senhores? Discursos? Abolições?  
Ser negro é não crer em ilusões.